



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6088 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 05 - Educação e Infância

BRANQUITUDE NA EDUCAÇÃO INFANTIL, AMPLIANDO O FOCO A CERCA DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.

Cintia Cardoso - UFPR - Universidade Federal do Paraná

BRANQUITUDE NA EDUCAÇÃO INFANTIL, AMPLIANDO O FOCO A CERCA DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.

O presente trabalho apresenta resultados de uma pesquisa de mestrado que analisou a branquitude nas experiências educativo-pedagógicas de professoras e crianças com idades entre quatro e seis anos em uma instituição de educação infantil.

Sem dúvida as pesquisas acadêmicas sobre educação das relações étnico- raciais na infância ao longo do tempo foram primordiais para colocar como pauta social o racismo e a discriminação racial no contexto educacional, sendo de grande relevância para contribuir com proposições de políticas públicas para educação, aprimoramento de diretrizes, orientações curriculares, indicadores de qualidade e nortear a formação de professores para o enfrentamento e combate ao racismo.

Embora ainda escassas, o panorama caracterizado por essas pesquisas aponta para a necessidade de ampliar o foco desses estudos.

Muitas das pesquisas centram-se na população negra. Especialistas como Cavalleiro (1998), Dias (1997; 2007), Oliveira (2004), Damião (2007), Carvalho (2013), Santiago (2014), entre outras, já abordavam estas pautas o que tem contribuído para ampliar o debate e promover reflexões sobre uma parte do problema. No entanto, apresentam lacunas e precisamos investir mais na discussão relacional entre sujeitos desse processo, se existe desvantagem racial é preciso olhar para aqueles que são privilegiados, a branquitude é um termo “oculto” na produção sobre educação das relações étnico-raciais, os brancos não se tematizam e não são tematizados.

Neste lugar de enunciação, algumas interrogações contribuíram para o caminho da pesquisa fosse organizado, tais como: estaria o branco, enquanto representação universal de humanidade, sendo reproduzido e assimilado pelas crianças desde tenra idade? Que expressões da branquitude estariam povoando estes espaços?

O problema central da pesquisa foi apreender como a branquitude, enquanto prática de poder e configuração de uma identidade branca, se expressa nas experiências educativo-pedagógicas da educação infantil com crianças pequenas. Nesse ínterim autores do campo da

branquitude Bento (2002), Frankenberg (2004), Cardoso (2008; 2014), Alves (2011), entre outros se tornam essenciais para entender o fenômeno no campo da educação.

Branços são parte desta ciranda. Mesmo aqueles e aquelas que desaprovam o racismo, precisam compreender o histórico de vantagens e desvantagens que permeiam a sociedade brasileira e determinam lugares para negros e brancos nos mais diferentes campos da vida.

O designa por branco na pesquisa é baseado na literatura, (GOMES, 2005; MUNANGA, 2006; NOVAES 1993; ALVES, 2010), entendida, aqui, como sujeitos pertencentes a um mesmo grupo racial. Uma construção histórica, cultural e social. Estudos e pesquisas sobre relações raciais têm apontado que os classificados como branco no Brasil correspondem a usufruir de vantagens estruturais em todos os âmbitos: psicológico, social, econômico a partir da relação com outros grupos raciais. Estou de acordo com a definição proposta por (ALVES, 2010 p. 24), “[...] os significados relacionados ao corpo branco variam ao longo da história, daí que esse corpo não possua valor intrínseco, ele ganha materialidade a partir dos significados que o constituem. O que não impede a atribuição de privilégio àqueles que são socialmente reconhecidos como portadores da branquira”.

Para Bento (2014), um dos primeiros sintomas da branquitude é manter o grupo racial branco protegido de avaliações e análises.

Nesse sentido, o silêncio e a omissão por consequência, numa estrutura racista como a sociedade brasileira, acabam por deter acúmulo de vantagens em bens materiais e simbólicos às pessoas brancas. Com base nisso, os objetivos específicos da pesquisa foram: apreender as maneiras como se revelam a questão racial focando nas pessoas e suas interações com os espaços e os diferentes elementos que compõem o interior da unidade educativa. As linguagens, as ações pedagógicas, as materialidades; analisar como as práticas das professoras brancas revelam a questão racial; e analisar as imagens lançadas no espaço da instituição.

O referencial teórico foi ancorado, nos Estudos de Branquitude, nos Estudos sobre Educação das Relações Étnico-Raciais em interlocução com os Estudos pós-coloniais. Além de uma articulação dialógica com a Sociologia da Infância como um aspecto teórico e metodológico assumido na pesquisa. Nesse sentido, ao refletir sobre esses campos e fazendo conexões, principalmente com sociologia da infância, que embora nas últimas décadas tenha ampliado a forma de compreender as infâncias a criança como sujeito histórico, porém tratou eminentemente de uma produção referenciada de raiz europeia (Portugal, França, Inglaterra) e norte americana, que quando apontam a raça referência é o “outro”, ignorando que as infâncias brancas também vivem a sociedade racializada e delas são beneficiárias.

Buscando contribuir com estes movimentos, o referencial teórico também está ancorado nos estudos de autores e autoras do campo da sociologia da infância. Coutinho (2002), Corsaro (2005), Sarmento (2008), Nunes (2016), entre outros.

A etnografia foi utilizada como metodologia de pesquisa capaz de permitir a compreensão do cotidiano de uma unidade educativa de educação infantil, e os instrumentos peculiares: a fotografia, as conversas informais com as professoras, diálogos com as crianças, a construção do diário de campo, e uso da gravação de áudio. Para Meyer e Paraíso (2014, p. 17), “a metodologia deve ser construída no processo de investigação e de acordo com as necessidades colocadas [...]”.

Então as conversas, os diálogos informais e as entrevistas não estruturadas também foram adotados. Concordando com a ideia de André (1986), que as conversações e entrevistas não estruturadas são mais maleáveis e convenientes para pesquisas em educação, porque são capazes de nos fornecer dados que uma entrevista estruturada não

atingiria.

Assim para compreender as práticas cotidianas da instituição, as observações da unidade educativa analisada ocorreram por um período de três meses buscando apreender como são vividas as dimensões raciais no espaço.

Para a abordagem com as crianças e para escutar suas vozes e manifestações, foram feitas aproximações com os estudos de grupos de autores que se dedicam a pensar metodologias em pesquisa com crianças, como é o caso de Ferreira (2002, 2004), Horn (2003), Sarmiento (2004), Corsaro (2005) e Sirota (2005).

As crianças têm suas próprias culturas e sempre é preciso participar delas para poder documentá-las. Sarmiento (2007), ao discutir o protagonismo da infância, alerta que a criança como sujeito ativo interpreta e reinterpreta o mundo e como ator social tem contribuído para se pensar outros modos de ver a infância a criança e principalmente, os modos de pesquisa em educação a partir delas e com elas.

Sobre o campo da pesquisa empírica, no momento da pesquisa, a instituição atendia 89 crianças divididas em cinco grupos por faixa etária aproximada.

A partir das fichas de matrículas foi possível conhecer a origem das crianças atendidas e alguns dados sociais importantes para compreender as configurações raciais.

Nas fichas das 89 crianças atendidas, no quesito cor/raça conforme padrão denominado pelo IBGE com as categorias: branco, preto, pardo, amarelo e indígena das 89 crianças, 38 são declaradas negras (pretas + pardas), 44 brancas e sete fichas não continham essa informação.

O quadro de funcionários magistério estava disposto da seguinte maneira: cada sala de referência ou grupo de trabalho (GT) conta com um grupo de atuação composto por uma professora regente, uma auxiliar de sala, e uma professora auxiliar de ensino responsável em assumir a docência na ausência e na hora-atividade da professora regente. Ademais compõe o quadro de funcionários, uma equipe diretiva e uma equipe de serviços diversos.

Na heteroatribuição das profissionais participantes, a partir de um formulário das dez profissionais, seis se declararam brancas, uma amarela duas negras e uma parda.

Ao adentrar o campo de pesquisa todos os esforços se voltaram num primeiro momento, na proposta pedagógica da instituição coadunadas com fundamentos sociopolíticos pedagógicos da educação infantil e como estes eram postos em prática pelas professoras e vividos pelas crianças nas experiências educativo-pedagógicas cotidianas, nos diversos tempos e espaços da proposta pedagógica da instituição.

Neste caminhar, a fotografia foi utilizada como meio de registro desse percurso.

As imagens nas paredes, nas portas, nos banheiros foram guias para, nesse entremeio, focalizar a branquitude nelas presentes. Para (ACHUTTI, 1997). A imagem carrega um caráter narrativo.

Ao focar o ângulo da máquina fotográfica foi possível de imediato identificar que as representações através das imagens lançadas nas paredes do corredor, das portas, dos banheiros eram orientadas por uma matriz representativa. Ou seja, me deparei com a supervalorização do branco nas imagens e a negação da representatividade de outros grupos étnico-raciais como negros e indígenas.

A unidade educativa privilegia uma representação de criança branca em detrimento de outras, e tal normativa é percebida também nos livros dispostos no acervo público nos quais há apenas imagens de pessoas, princesas e príncipes brancos.

A sucessão de imagens tem o branco hegemonicamente representado, o que permite às crianças brancas se ver e se reconhecerem todo o tempo em diferentes situações, e assim a branquitude vai sendo marcada. Que significados esta escolha está produzindo para todas as crianças? As crianças brancas “que compõem os cenários e os modos como as imagens estão organizadas formam um conjunto de dizeres (in) visíveis, articulados em cadeias de significação, onde uma imagem estende para outras imagens seus significados” (CUNHA, 2005, p. 176).

Dado este fato, a indagação que prosseguiu foi identificar a que tipo de artefatos era disponibilizado as crianças.

Os brinquedos compõem o espaço e integra a experiência educativo-pedagógica das crianças, o reconhecimento de si e do outro perpassa pelos artefatos que estão à disposição delas. De acordo com Gaudio (2013, p. 172), “Os corpos e os atributos materiais dos/as bonecos/as podem carregar significados culturais, raciais, sexuais e religiosos pautados num modelo corpóreo tido como “universal”.

A materialidade do privilégio simbólico da branquitude se constatava através dos artefatos culturais e materialidades disponíveis na unidade educativa. A grande maioria das bonecas e bonecos disponíveis era branca. A importância das bonecas e bonecos na vida das crianças pequenas seja pela força cultural seja pela do mercado nos aponta as implicações que disso deriva para a suposta educação que respeita a diversidade étnico-racial.

De fato, o que se apreende disso é que um único tipo criança é respeitada neste contexto: a criança branca. Inquestionavelmente, todo este rol de elementos que articulam a organização da vivência das crianças na unidade educativa impacta a todas de modos distintos e certamente algumas ganham e outras perdem.

Outra ferramenta utilizada foi as conversas informais com as professoras, registradas no diário de campo e que permitiu estabelecer alguns pontos ressaltados por elas e que ajudaram a compreender a realidade identificada nesta unidade educativa. Ao ouvir professoras brancas sobre como percebiam e abordavam a questão racial em suas práticas, em linhas gerais, ao lançar a pergunta: Professora você observa alguma situação em que as crianças em suas relações se excluam umas das outras a partir das diferenças étnico/raciais?” É possível perceber um conflito racial na unidade educativa, as situações cotidianas demonstram que não existe uma reflexão crítica por parte das professoras, a questão racial é diluída ora na questão da higiene, ora, por traços fenotípicos”. E assim a questão racial se esvazia, e são tomados de contornos, desvios que vão sendo justificados pelas professoras por outras vias que não preconceito racial, discriminação e racismo.

Como parte final da empiria um dos momentos mais importante deste estudo fruto de três meses de trabalho de campo foi a riqueza dos diálogos entre as crianças nesses espaços. Longe dos adultos e sem intervenção, as crianças demonstram sua capacidade de elaboração, dando indicativos que percebem as diferenças e ao mesmo a igualdade no sentido de humanidade. Iguais nos direitos, diferentes na existência. São conceitos complexos, mas na fala da criança pode-se perceber que são plenamente capazes de argumentar a partir deles.

O gravador registrava a linguagem verbal, ao lançar a pergunta: Qual é a sua cor? As crianças demonstravam que são capazes de elaborar respostas mesmo sendo desafiadas por questões que talvez nunca tivessem sido levadas a pensar.

Apreendi que crianças pequenas desde cedo são racializadas, e se vem como tal, aceitam conversar sobre cor/raça, identificam a si mesmas e as outras utilizando categorias raciais sem problemas, em sua maioria se sentem confortáveis e quando não, buscam alternativas para se nomearem que não estão no espectro adulto de definição, por exemplo: branco-escuro e azul.

Também consegui capturar as tensões em algumas crianças brancas ao tratar do tema, quando fogem a pergunta, sobretudo revelam que também racializam entre si, pois nomeiam de forma rápida e tranquila pessoas negras, mas tendem a não querer nomear pessoas brancas. E essa questão se coloca como problemática, pois pesquisadoras do tema vêm indicando em suas pesquisas que brancos não se racializam por acreditarem serem representantes de ser humano, expressão máxima de humanidade.

Os resultados indicam a predominância de uma “Pedagogia da branquitude”, um modelo pedagógico instaurado que por meio da organização dos seus espaços indica para todas as crianças que nele vivem que a única possibilidade de “tornar-se gente” é ser branco e os efeitos disso Neusa Sousa Santos (1983) já apontou muito bem.

Essa pedagogia consolida-se nesses espaços, reforçando a violação dos direitos das crianças negras e a institucionalização hegemônica do branco como padrão de civilidade e de beleza.

As crianças brancas são estimuladas a fazerem uso desse privilégio reforçado cotidianamente pela unidade educativa, forjando um modelo único de identidade branca.

As práticas das professoras estão na contramão da legislação proposta para a reeducação das relações raciais e implícitas no exercício da branquitude.

PALAVRAS-CHAVE: Branquitude. Educação Infantil. Educação das Relações Étnico-Raciais.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, L. E. R. **Fotoetnografia:** um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial; Palmarinca, 1997.

ALVES, Luciana. **Significados de ser branco – a brancura no corpo e para além dele.** Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, I; BENTO, M. A. S. (Orgs). **Psicologia social do racismo:** estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, I; BENTO, M. A. S. (Orgs). **Psicologia social do racismo:** estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CARDOSO, L. **O branco “invisível”:** um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (período: 1957-2007). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade de Coimbra, Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais. Coimbra, 2008.

CARDOSO, L. **O Branco ante a rebeldia do desejo:** um estudo sobre a branquitude no Brasil. 2014. 290 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

- CARVALHO, THAÍS. R. de. **Políticas de promoção da igualdade racial na rede municipal de educação infantil de Florianópolis/SC**. 2013. 267 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Paraná (UFPR), Setor de Educação. Curitiba, 2013.
- CAVALEIRO, E. Discriminação racial e pluralismo nas escolas públicas na cidade de São Paulo. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada; Alfabetização e Diversidade, 2005.
- COUTINHO, A. M. S. Educação Infantil: espaço de educação e cuidado. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 25. Caxambu, 29 de setembro a 2 de outubro de 2002. **Anais do GT-7 – Educação de crianças de 0 a 6 anos**. Caxambu, 2002. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/25/tp25.htm>>. Acesso em: 30 mar. 2017.
- CORSARO, W. A. Entrada no campo, aceitação e natureza: Da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 443-464, Maio/Ago. 2005.
- CUNHA, S. R. V. Cenários da educação infantil. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, n. 30, v. 2, p. 165-185, jul./dez. 2005.
- DIAS. L. R. **Diversidade Étnico-racial e Educação Infantil, Três Escolas, Uma questão. Muitas Respostas**. 1997. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 1997.
- DIAS. L. R. **No fio do horizonte: educadoras da primeira e o combate ao racismo**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.
- DAMIÃO, F. de J. **Primeira infância, afrodescendência e educação no Arraial do Retiro**. 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.
- FERREIRA, M. Criança tem voz própria. **Portugal: a página da educação**, ano 11, n. 117, p. 35, nov. 2002.
- FERREIRA, M. Do “avesso” do brincar ou... as relações entre pares, as rotinas da cultura infantil e a construção da(s) ordem(ens) social(ais) instituintes das crianças no jardim-de-infância. In: CERISARA, A. B.; SARMENTO, M. (Org.). **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004.
- GAUDIO, E. S. **Relações sociais na educação infantil: dimensões étnicoraciais, corporais e de gênero**. 2013. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.
- GEERTZ, Clifford 1989[1973] "Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura", in *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.
- GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- HORN, C. I. Pesquisa etnográfica com crianças: algumas possibilidades de investigação. **Revista Enfoques PPGSA-IFCS-UFRJ**, v. 13, n. 1, 2013.
- NUNES, M. D. F. “Cadê as crianças negras que estão aqui?” O racismo (não) comeu”.

Latidade, v. 10, n. 2, p. 383-423, 2016.

NUNES, M. D. F.; CORREA, L. J. L. As Crianças Negras vistas pela Sociologia da Infância no Brasil: uma revisão de literatura. **Saber & Educar**, v. 21, p. 86-97, 2016.

NOVAES, S. C. **Jogo de espelhos**. São Paulo: EDUSP, 1993.

OLIVEIRA, F. de. **Um estudo sobre a creche**: o que as práticas educativas produzem e revelam sobre a questão racial? 2004. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, 2004.

SANTIAGO, F. Hierarquização e racialização das crianças negras na educação infantil. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, Sao Paulo, v. 33, n. 64, p. 31-47, 2015a.

SARMENTO, M. J. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, V. M. R.; SARMENTO, M. J. (Org.). **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.

SARMENTO, M. J.; GOUVÊA, M. C. S. de. **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. 1. ed. Petrópolis: Vozes, p. 17-39, 2008.

SIROTA, R. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, p. 7-31, mar. 2001.

SOUZA, N. S. Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.